

**Carla
Piazzzi**

lu
lu
mi
mi
no
no

posfácio por
Lucas Verzola



IN
COM
PLE
TA







**Carla
Piazzi**

lu
mi
nol

posfácio por
Lucas Verzola

1ª edição ~ Editora Incompleta
São Paulo, outubro de 2022

Um romance de Carla Piazza
Posfácio por Lucas Verzola

Coordenação editorial: Laura Del Rey
Tradução [trechos Saint-Denys]: Carla Piazza e Raquel Dommarco Pedrão
Edição: Laura Del Rey e Victor Pedrosa Paixão
Preparação de texto: Mariana Bastos
Revisão: Aline Caixeta Rodrigues
Ass. editorial: Fernanda Heitzman

Capa, projeto gráfico e diagramação: Angela Mendes e Laura Del Rey
Ilustrações originais: Fernanda Heitzman, Laura Del Rey e Romano Corá
Pesquisa e digitalização de imagens [domínio público]: Carla Piazza,
Fernanda Heitzman e Laura Del Rey
Tratamento de imagens: Angela Mendes
Ass. design: Fernando Zanardo

Catálogo: Ruth Simão Paulino

Agradecimentos da editora: à confiança amorosa de Carla Piazza
e a essa equipe dos sonhos e do coração, sem as quais não seria
possível realizar um livro desse porte em uma editora tão pequena;
e a: Giuliano F. Rossi, Lucas Verzola, Miriam Marinotti,
Vilma Heitzman e Roberto Taddei.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

P584	Piazza, Carla Luminol / Carla Piazza. Tradução de trechos de Carla Piazza e Raquel Dommarco Pedrão. Ilustração de Fernanda Heitzman, Laura Del Rey e Romano Corá. Posfácio de Lucas Verzola. – São Paulo: Incompleta, 2022. 528 p.; Il. ISBN 978-65-88104-19-4 1. Literatura Brasileira. 2. Romance. 3. Diário. 4. Cartas. 5. História. 6. Filosofia. 7. Memória. 8. Ditadura Brasileira. 9. Exílio. 10. Maternidade. 11. Herança. 12. Luto. 13. Culpa. 14. Sonhos. I. Título. II. Pedrão, Raquel Dommarco, Tradutora. III. Heitzman, Fernanda, Ilustradora. IV. Del Rey, Laura, Ilustradora. V. Corá, Romano, Ilustrador. VI. Verzola, Lucas. CDD 821.134.3(81)
------	--

CDD B869.3

Catálogo elaborada por Regina Simão Paulino – CRB-6/1154

Copyright © Carla Piazza, 2022.

Todos os direitos desta edição pertencem à editora Incompleta Produção e Imagens Ltda. ME e estão protegidos pela lei nº 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial da obra sem a expressa anuência da editora.

  @editoraincompleta ~ www.incompleta.com.br ~ editora@incompleta.com.br



Moscas volantes, 09

O diário

parte I, 100

parte II, 232

parte III, 358

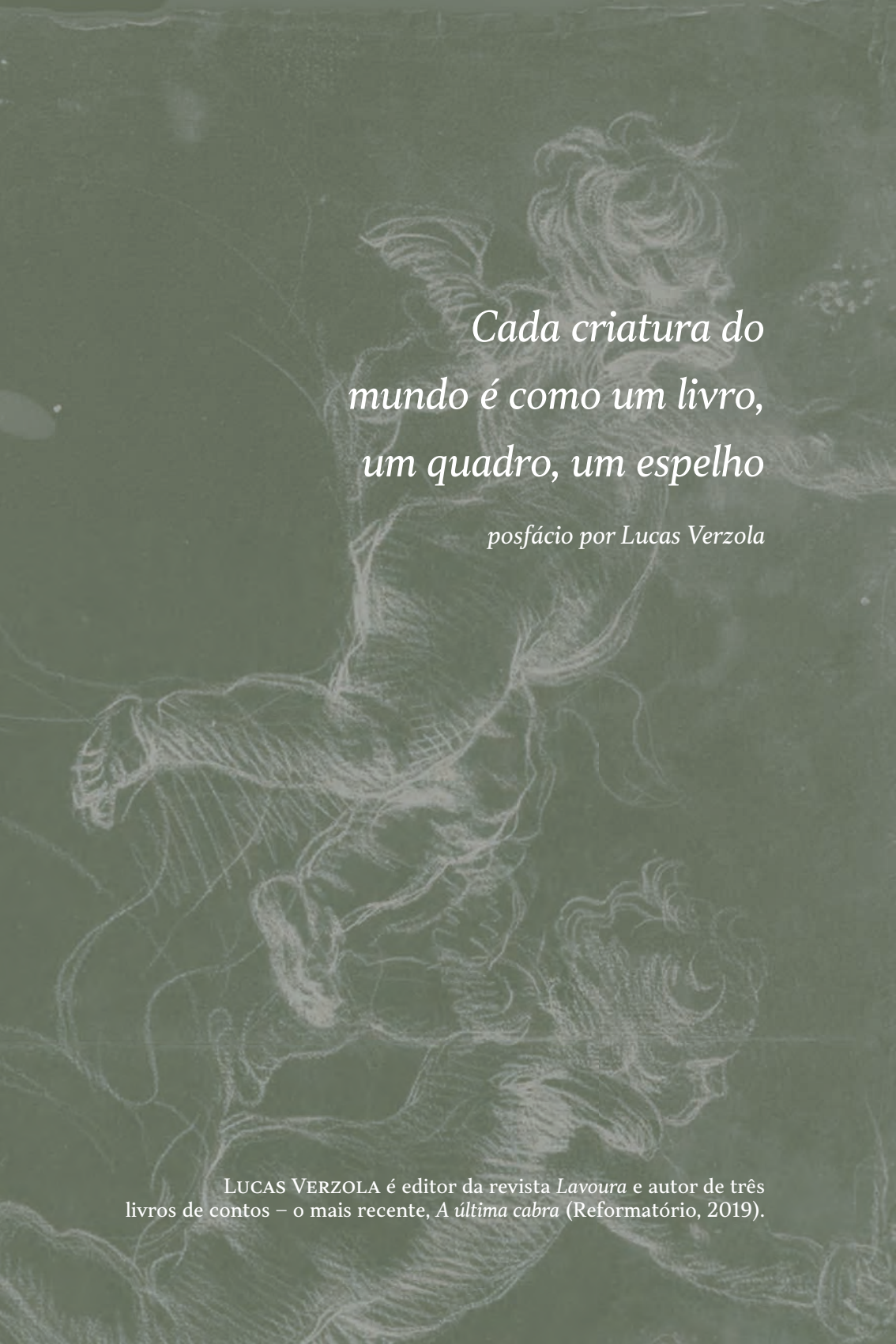
O amor, o buraco, o eco
e o beliscão, 469

Cada criatura do mundo é como
um livro, um quadro, um espelho
~ *posfácio por Lucas Verzola*, 516

Agradecimentos, 522

Citações, 524

Imagens, 526



*Cada criatura do
mundo é como um livro,
um quadro, um espelho*

posfácio por Lucas Verzola

LUCAS VERZOLA é editor da revista *Lavoura* e autor de três livros de contos – o mais recente, *A última cabra* (Reformatório, 2019).

Logo no início de “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, conto que abre *Ficções*, há uma citação que certo personagem de nome Bioy Casares atribui a uma entrada enciclopédica perdida: “Os espelhos e a cópula são abomináveis porque multiplicam o número de homens”. O que não é expressamente dito, mas se revela como um oráculo durante a narrativa e perpassa toda a obra de Borges é que os livros – e as bibliotecas – elevam a aludida multiplicação à infinitésima potência. *Luminol*, portanto, seria também um bestiário, um romance que tenta lidar com abominações de todas as espécies.

Não é de estranhar que o que acompanha a primeira grande narrativa do livro – o caso de Dona Gertrudes e Seu José da Carne-Seca – é o encontro da pequena Maya com o espelho velho de sua bisavó, tão pesado como se “tivesse roubado um pedaço de cada um que já havia se olhado ali”. E o espelho é um dos grandes *motifs* do romance, resgatado múltiplas vezes, emprestando sentido literal e alegórico à narrativa. Ele está lá no primeiro encontro cúmplice com Quindim, é uma sugestão de título para um dos capítulos do diário de Clara, é núcleo de uma citação de Alain de Lille conjurada três vezes, se reinventa reduzido a um caco na fazenda do exílio, surge em delírios e devaneios e reaparece no finzinho da última parte em mais uma das manipulações de Maya.

Como elemento simbólico, o espelhamento é ponto crucial para entender o jogo manipulativo da autora e das personagens, cristalizado na presença de inúmeros duplos e das relações entre cada elemento emparelhado. O principal duo é formado por Maya e Clara, não só quando pensamos na primeira enquanto reflexo natural e hereditário da última, mas também quando cogitamos interpretar a mãe enquanto reflexo artificial da filha, num exercício que não só remonta, mas recria e edita memórias. Deste prisma, há uma inversão na ordem natural da linhagem, com filha dando luz à mãe justamente quando a estirpe parecia ter fim – uma estirpe composta apenas por Marias, o nome da principal mãe da cultura ocidental, até que chega Maya, cuja etimologia pode remontar a “mãe”, em tupi –, forjando um uróboro. Contudo, como essa última mãe também atua no campo do delírio, do quimérico, nos recordemos do sonho da mãe do Buda e de outra possível origem do nome Maya: “ilusão”, em sânscrito.

Aqui, como em Borges, *cópula*, em uma acepção estendida, está pareada com *espelho*, em sentido poético. Desse modo, as crias Ernesto e Maya também são chaves de leitura para a compreensão de quem os origina e do meio em que estão inseridos, são atravessados pelo signo da violência, direta e literal no caso do garoto, estrutural no caso da pequena Maya. Em paralelo, a ditadura e o autoritarismo estão sempre presentes, ainda que quando numa vigília que antecede os sonos profundos. Um tá-tá-tá-tá nunca será um bater em um tambor sem evocar o som de uma metralhadora.

Pensemos agora nos livros, esses multiplicadores de abominações. Desde a primeira parte, “Moscas volantes”, nos deparamos com histórias dentro de histórias, com uma sequência de narradores ao modo d’*As mil e uma noites*, em que o destino da primeira contadora é por ela própria adiado na expectativa de alterá-lo – Maya admitirá mais tarde que deve

ser o tipo de autora que segue escrevendo versões de um único livro, e temos elementos para deduzir que isso reflete sua dificuldade em elaborar o passado. Já na parte central do diário, há o grande restauro da biblioteca, o que faz com que Clara tenha acesso a autores que mediam suas relações com os outros personagens e consigo mesma. Tal comportamento está igualmente presente em Maya, seja no ofício de interpretação, organização e quiçá reescrita dos relatos de sua mãe, seja na forma como opera o seu agir-artístico de escritora. Assim, o *Decameron*, *O tambor* de Günter Grass, bestiários medievais, hagiografias e a descoberta de Saint-Denys se cruzam não só como objetos de leitura e estudo, mas também como elementos estruturantes da obra em progresso e da subjetividade das autoras. É à conclusão semelhante que Quindim chega quando reflete sobre sua própria relação – e por que não dizer, sobre a das outras personagens – com a leitura e a escrita, já na terceira parte do romance:

À medida que lia e circulava pelo seu mundo, buscando me apropriar daqueles textos pra decifrar algo de sua vida, sentia que sua escrita fazia o mesmo movimento: se apropriava de mim e me ditava suas próprias regras de tempo, espaço e verdade.

Por ocupar as páginas centrais do volume, o diário acaba sendo a principal ponte para acessar o percurso de Clara pela estrada do exílio: o reconhecimento da área externa da fazenda, o mergulho no interior da casa/biblioteca e o encarceramento no próprio inconsciente em busca do mundo onírico. Mas se é de Clara a intimidade que mais acompanhamos, devemos sempre nos questionar: “Que Clara é essa?”. A mãe que sofre um acidente de carro quando regressava para reencontrar a filha, a militante que “eles mataram”,

a mulher obcecada pelo fundo do rio, talvez a ponto de se jogar? Tudo isso se relaciona com a principal pergunta do livro: é possível confiar em Maya? A mesma Maya que, não por acaso, referencia Humbert Humbert, um dos mais clássicos narradores não-confiáveis da literatura. O livro acerta em não trazer respostas, contudo entregar pistas para que o leitor seja uma espécie de Teseu seguindo o fio de Ariadne pelo romance-labirinto.

Talvez seja necessário, todavia, borrifar um pouco de luminol pela casa de Astérion e acender a luz negra para acessar tudo o que as divertidas personagens pretenderam ocultar com uma faxina nem sempre bem-resolvida. Sorte a nossa.

Em meio a tantas referências literárias, históricas e filosóficas, é bom lembrar que ganhamos todos quando a autora é também boa leitora – de livros e pessoas –, caso de Carla Piazzzi, nesta ótima estreia como romancista.



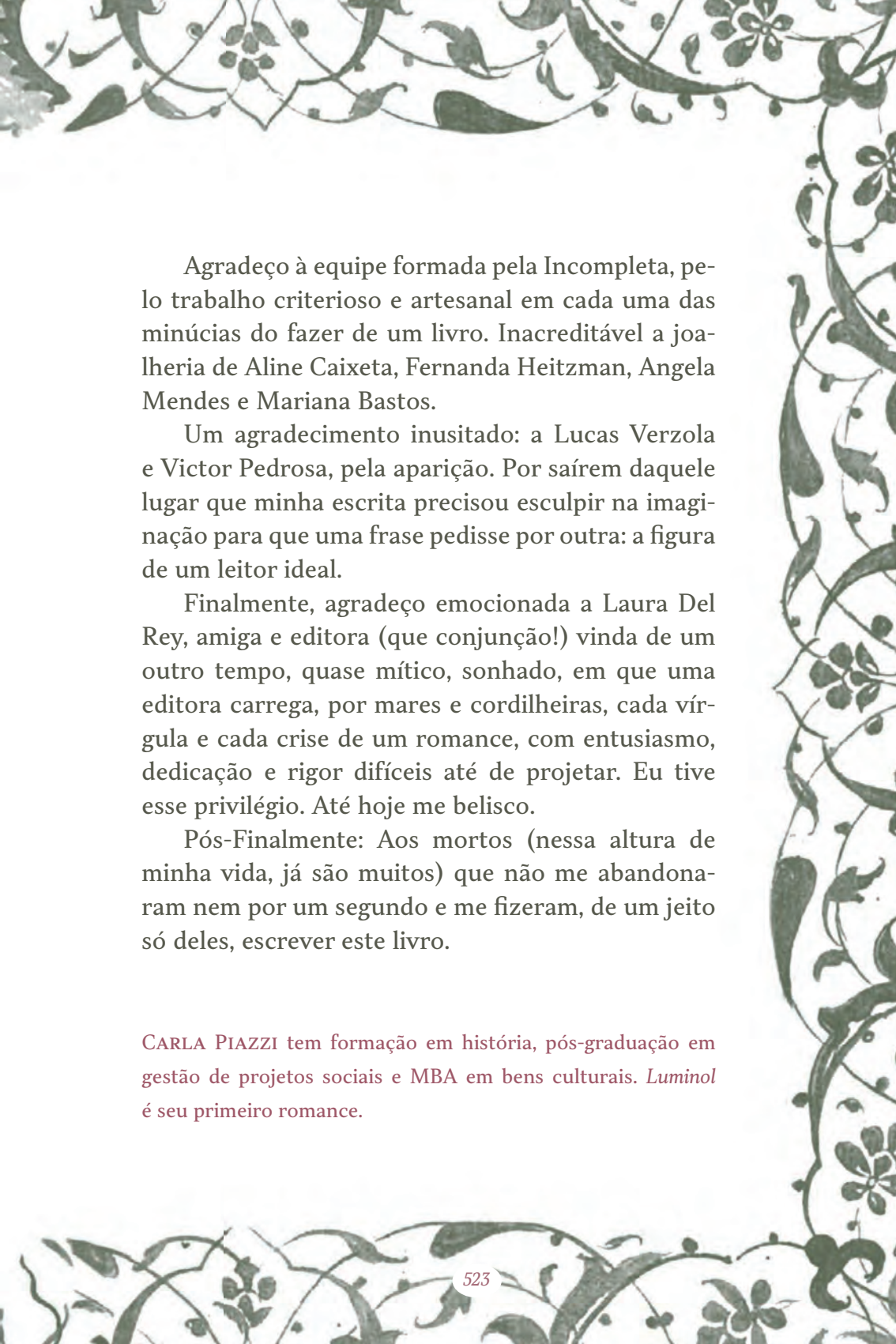
A decorative border with a repeating floral and vine pattern in a muted green color, framing the page on the top, bottom, and left sides.

Agradecimentos

Se o quadro da escritora solitária, entrincheirada, carece de espanador e verniz, fazer o quê? Não posso deixar de dizer que o *Luminol* foi, na sua maior parte, fruto do isolamento nas madrugadas. Se apelo para essa imagem gasta (mas verdadeira) é para agradecer aos amigos e familiares que não desistiram de mim. Agradeço também aos que desistiram, com os quais, às vezes, me identifico.

No entanto, não foi sempre assim. Em diferentes etapas da escrita contei com a alegria e riqueza do convívio e das trocas, com a generosidade e atenção das leituras de colegas e professores nas oficinas da Academia Internacional de Cinema, do b_arco, da Escrevedeira e da pós-graduação em formação de escritores do Instituto Vera Cruz, pelos quais sinto um carinho muito especial. Agradeço a todos e a cada um pelos toques valiosos e pelo cuidado.

Aos amigos Sheyla Smanioto e Roberto Taddei pela cumplicidade, incentivo e leituras críticas que acompanham o romance há muito tempo. Sem eles, o *Luminol* não existiria. Ficaria onde começou: em guardanapos.



Agradeço à equipe formada pela Incompleta, pelo trabalho criterioso e artesanal em cada uma das minúcias do fazer de um livro. Inacreditável a joalheria de Aline Caixeta, Fernanda Heitzman, Angela Mendes e Mariana Bastos.

Um agradecimento inusitado: a Lucas Verzola e Victor Pedrosa, pela aparição. Por saírem daquele lugar que minha escrita precisou esculpir na imaginação para que uma frase pedisse por outra: a figura de um leitor ideal.

Finalmente, agradeço emocionada a Laura Del Rey, amiga e editora (que conjunção!) vinda de um outro tempo, quase mítico, sonhado, em que uma editora carrega, por mares e cordilheiras, cada vírgula e cada crise de um romance, com entusiasmo, dedicação e rigor difíceis até de projetar. Eu tive esse privilégio. Até hoje me belisco.

Pós-Finalmente: Aos mortos (nessa altura de minha vida, já são muitos) que não me abandonaram nem por um segundo e me fizeram, de um jeito só deles, escrever este livro.

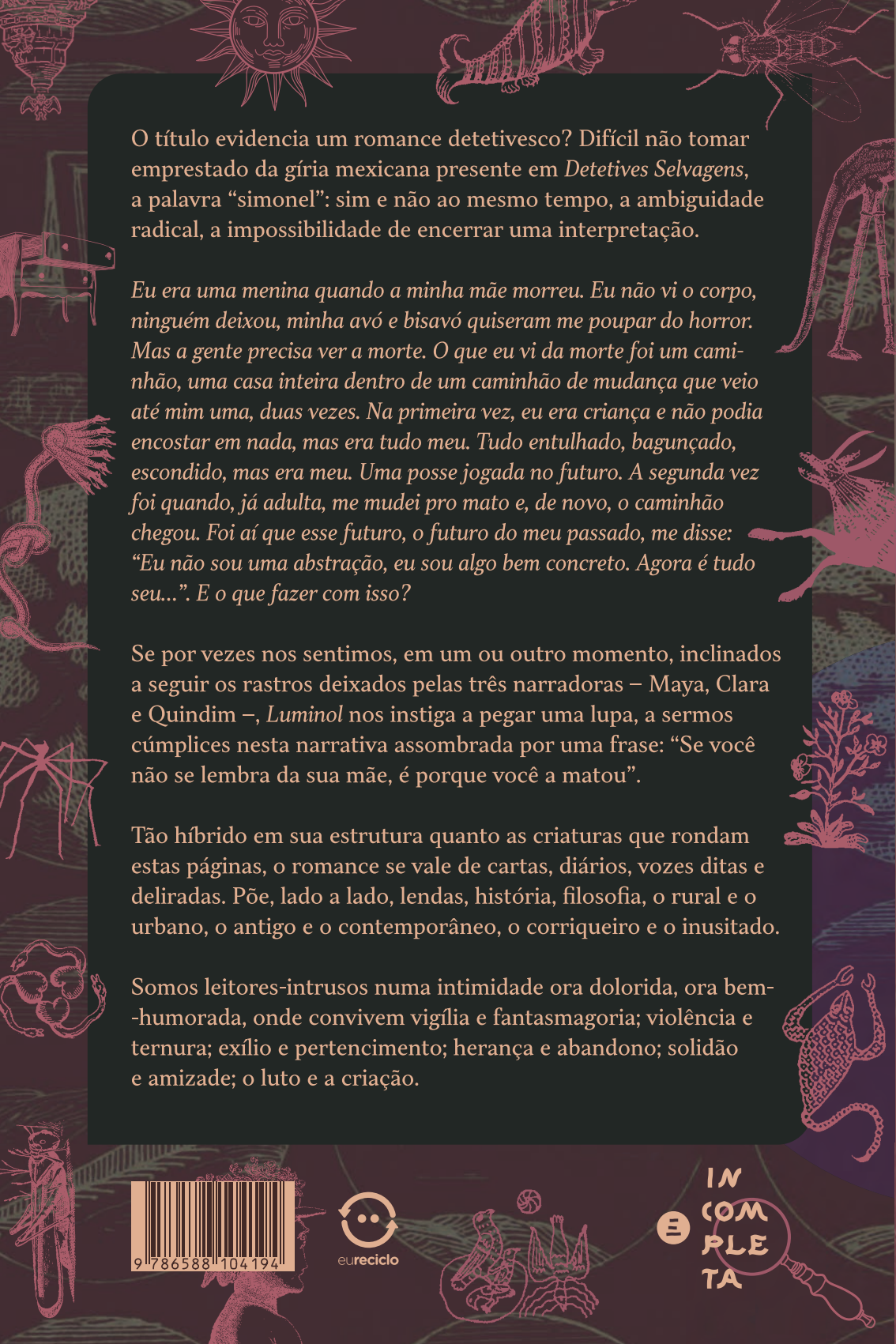
CARLA PIAZZI tem formação em história, pós-graduação em gestão de projetos sociais e MBA em bens culturais. *Luminol* é seu primeiro romance.



100% dos materiais utilizados nas publicações e embalagens da Editora Incompleta têm sua “compensação” ambiental feita através da parceria com a Eu Reciclo – empresa que trabalha com uma rede de operadores e cooperativas de reciclagem homologados.

Este livro foi impresso pela gráfica Ipsis
em outubro de 2022,
com um esmero e parceria
que não cansaremos de relembrar e agradecer.

Fontes: Manofa, Mirador e TT Jenevers
Papel: Pólen soft 80g
Tiragem: 2000 exemplares



O título evidencia um romance detetivesco? Difícil não tomar emprestado da gíria mexicana presente em *Detetives Selvagens*, a palavra “simonel”: sim e não ao mesmo tempo, a ambiguidade radical, a impossibilidade de encerrar uma interpretação.

Eu era uma menina quando a minha mãe morreu. Eu não vi o corpo, ninguém deixou, minha avó e bisavó quiseram me poupar do horror. Mas a gente precisa ver a morte. O que eu vi da morte foi um caminhão, uma casa inteira dentro de um caminhão de mudança que veio até mim uma, duas vezes. Na primeira vez, eu era criança e não podia encostar em nada, mas era tudo meu. Tudo entulhado, bagunçado, escondido, mas era meu. Uma posse jogada no futuro. A segunda vez foi quando, já adulta, me mudei pro mato e, de novo, o caminhão chegou. Foi aí que esse futuro, o futuro do meu passado, me disse: “Eu não sou uma abstração, eu sou algo bem concreto. Agora é tudo seu...”. E o que fazer com isso?

Se por vezes nos sentimos, em um ou outro momento, inclinados a seguir os rastros deixados pelas três narradoras – Maya, Clara e Quindim –, *Luminol* nos instiga a pegar uma lupa, a sermos cúmplices nesta narrativa assombrada por uma frase: “Se você não se lembra da sua mãe, é porque você a matou”.

Tão híbrido em sua estrutura quanto as criaturas que rondam estas páginas, o romance se vale de cartas, diários, vozes ditas e deliradas. Põe, lado a lado, lendas, história, filosofia, o rural e o urbano, o antigo e o contemporâneo, o corriqueiro e o inusitado.

Somos leitores-intrusos numa intimidade ora dolorida, ora bem-humorada, onde convivem vigília e fantasmagoria; violência e ternura; exílio e pertencimento; herança e abandono; solidão e amizade; o luto e a criação.



IN
COM
PLE
TA